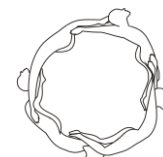




SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

MASCULINIDADES E PEDAGOGIA NO AGRESTE SERGIPANO

Gicelma Cardoso dos Santos¹

Marcos Ribeiro de Melo²

Resumo

A participação masculina no curso de Pedagogia é escassa, assim, este trabalho buscou compreender as motivações para o ingresso e as dificuldades de alunos num campus de uma universidade federal no agreste sergipano. Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se, uma literatura específica sobre a temática e a entrevista com seis alunos de Pedagogia em diferentes períodos da graduação. As análises apontam uma vinculação entre o ingresso de alunos trabalhadores, com condições sociais desfavoráveis, pais e avós com baixa escolaridade ou até mesmo analfabetas. Partes dos entrevistados não almejam exercer a docência, mas galgar funções de gestão como direção e coordenação, os mesmos ainda afirmaram que diretamente nunca sofreram nenhuma forma de preconceito com relação a sua escolha pela Pedagogia.

Palavras-chave: Masculinidades, Pedagogia, docência, Gênero.

A determinação do gênero masculino como também do feminino, surge nos corpos e subjetividades de maneira inconsciente através de uma violência simbólica arbitrária que impõe, entre outros aspectos, algumas profissões para homens, a exemplo na esfera escolar, do gestor ou professor de exatas, ao tempo em que reprime a atuação desses sujeitos como docentes na educação infantil e nos anos iniciais da escola, áreas consideradas femininas (BOURDIEU, 2005). A partir desta questão, este artigo interessou-se em compreender as motivações e “disposições” que levaram alguns poucos rapazes a optar por um curso onde a presença feminina é eminente, além de verificar suas dificuldades em permanecer no curso, concluí-lo e suas perspectivas profissionais.

Para a consecução destes objetivos foram entrevistados seis estudantes, de diferentes períodos, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe no campus de Itabaiana, cidade situada na região do agreste sergipano e conhecida pelo seu

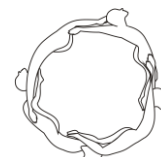
¹ Graduada em Pedagogia (UFS). E-mail: gicelmacardoso@yahoo.com

² Professor Assistente IV do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (Campus Itabaiana). Mestre em Educação (UFS). Doutorando em Sociologia (UFS).



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

tradicional e representativo comércio local. Salienta-se que os estudantes são oriundos tanto desta cidade, quanto de localidades circunvizinhas. Todavia, antes de expormos as análises dos dados coletados, apresentaremos alguns debates referentes ao nosso referencial teórico, cujo olhar norteou a interpretação dos dados.

GÊNERO E MASCULINIDADE

A divisão entre os “sexos” aparece na ordem das coisas de forma inevitável e naturalizada. Ela está presente na casa cujas partes são todas sexuadas e em todo mundo social em um estado incorporado nos corpos e nos *habitus*, de maneira a legitimar o poder simbólico do Estado (BOURDIEU, 2005). Esta construção social de gênero é abstrata e simbólica, ou seja, não conseguimos ver ou tocá-la, mas surge no nosso inconsciente através da influência cultural que sofremos desde o nascimento, podendo sofrer mudanças de cultura para cultura. Portanto, uma profissão pode ser atribuída ao gênero masculino em uma cultura e na outra, esta pode ser atribuída consequentemente ao gênero feminino.

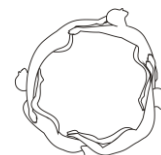
Segundo Oliveira (2004), a masculinidade é um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação. Enquanto estrato constitutivo e articulado do *socius*, a masculinidade apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou um sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente selecionados. A constituição de gênero não se restringe apenas as instituições formadoras das sociedades, mas em todo o processo de socialização. Inicia-se, primeiramente, na família antes mesmo do nascimento, quando, por exemplo, na escolha do enxoval da criança, azul para o menino e rosa para a menina e continua durante toda infância na hora de presentear-los (boneca, caixinhas de maquiagem, fogão e conjunto de panelas) para a feminilidade, já para a masculinidade (tratores, aviões, carros, jogos de ferramentas, entre outros).

A relação de gênero apenas como diferença sexual precisa ser desfeita e desconstruída. Para isso, deve-se pensar gênero como resultado de uma cultura formada por diversos aparatos sociais, um deles é a tecnologia representada pela mídia uma grande influenciadora da vida contemporânea, mas além da mídia, também vai existir outros aparelhos ideológicos do Estado, influenciadores na formação de gênero, como a escola, a constituição da família nuclear, os tribunais, a religião e na cultura que é



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

bastante conservadora.

De fato, a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, atribuindo ao homem os status de patriarca. Se por algum motivo este não estivesse presente durante o crescimento dos filhos, alguns problemas como: delinquência, agressividade, identidade sexual problemática (no caso aqui seria a homossexual) era atribuída à ausência deste. Outra atribuição reprovada para o ideal de masculinidade seria a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, sendo considerada uma prática depreciativa e não natural.

Ainda pode ser citada a publicidade e mais precisamente a mídia com seus programas de notícias, entretenimento, novelas que exploram a imagem do homem heterossexual, pai de família ou aquele herói da trama que deseja o amor da “mocinha”. Em contrapartida, quando retrata o gay é sempre de uma forma satírica, criando estereótipos, pois, nem todo homossexual se comporta com extravagância ou se traveste como mulher. Mesmo com mudanças históricas ocorrendo acerca da categoria de gênero, ainda prevalece a imagem masculina como sendo o viril, o patriarca, o corajoso e o digno de comando, mas com algumas diferenças, onde uma delas é a vaidade, produto da publicidade fazendo surgir com grande força uma nova masculinidade, que se preocupa com sua aparência e em estar sempre na moda.

Por sua vez, a escola assume o papel de orientar sexualmente seus alunos para que sejam heterossexuais, assim como, dos docentes iniciando uma vigilância através de seus trajes e gestos. Nesta lógica, a sexualidade dos alunos deve ser adiada para a vida adulta, pois se compreende que a sexualidade é um assunto privado, conseqüentemente não se deve falar desta em qualquer lugar ou a qualquer momento. Isso se torna ainda mais severo, ou seja, a repressão contra a expressão da sexualidade, se esta for considerada como fora dos padrões heterossexuais, principalmente se for percebida entre o sexo masculino que é ainda mais reprovável que entre as mulheres, tornando um assunto para piadas e gozações.

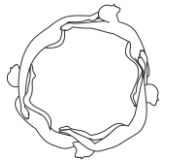
Observa-se que, o percurso da constituição da masculinidade é marcado pela negação de qualquer traço feminino considerado como desvalorizado. Tornar-se homem (“macho”) acontece num lugar simbólico, perpassando momentos históricos e *habitus* (aqui conhecimento ou gosto adquirido) incorporados pela inserção social que lhe legítima um lugar de status. Assim, as diferenças de *habitus* não irão refletir apenas no



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

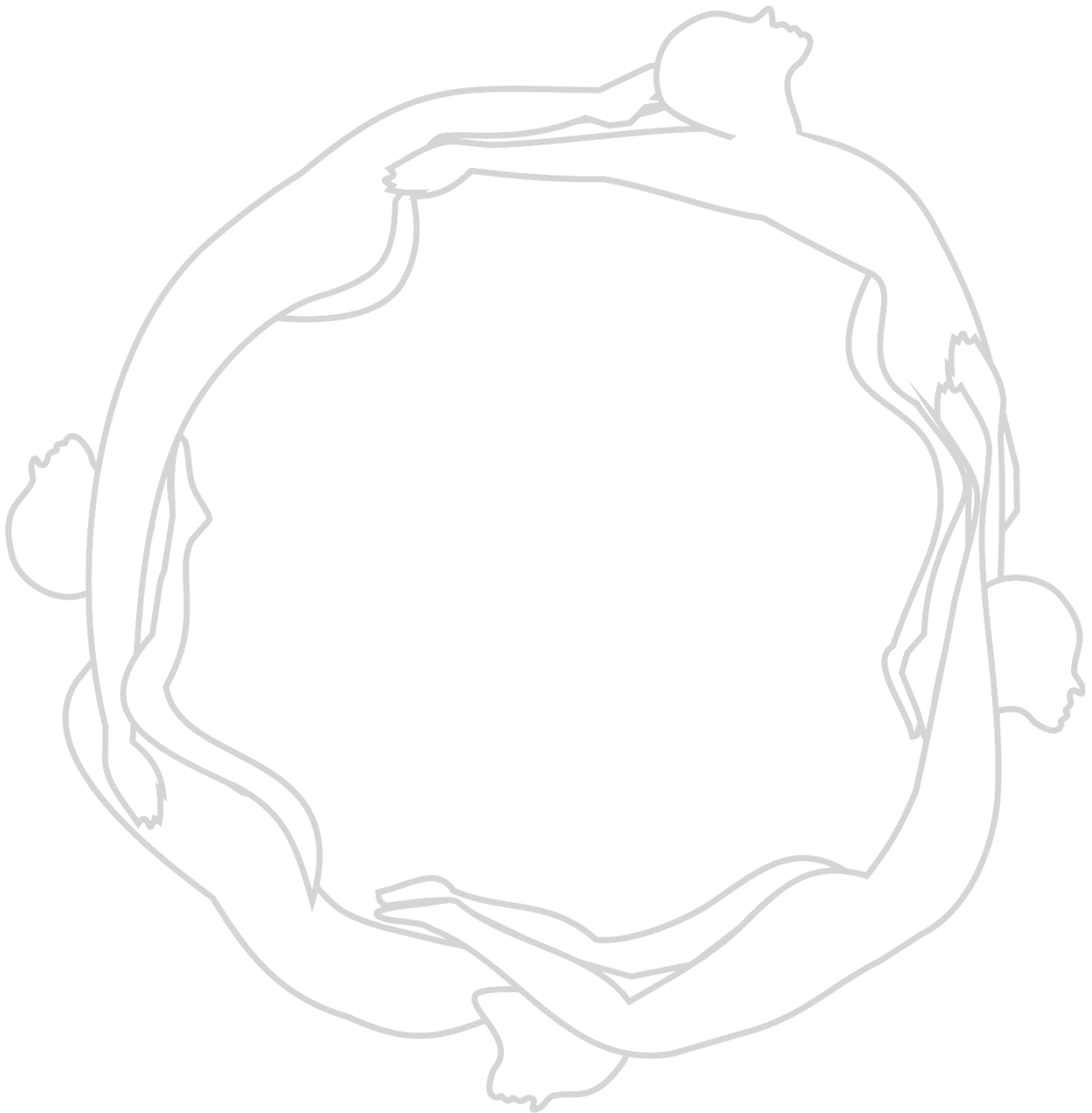
15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

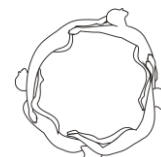
vestuário, vocabulário, gestos, mas também terá papel fundamental, nas perspectivas e projetos de vida a partir de estruturas estruturantes.





SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

O poder e o controle estão constantemente relacionados ao gênero masculino, como também o autocontrole das emoções. No caso feminino fica a cargo delas o controle doméstico, são excluídas do poder, mas ao mesmo tempo elas não precisam esconder seus sentimentos e emoções como é o caso dos homens, que ao demonstrar seus sentimentos podem ser visto como “mulherzinha”. Essa é uma visão bastante frequente entre os homens das classes dominadas, que a todo o momento demonstram e defendem sua masculinidade autêntica e viril, reprimindo qualquer tipo de expressão dos seus sentimentos.

Assim, quando os homens optam pela Pedagogia, geralmente se concebe como uma opção tardia ou como consequência de frustrações em outras profissões, embora em sua maioria eles optem pela área da direção, fazem planos mais amplos que as mulheres, envolvendo a diversidade maior de atividades extraclases, entretanto eles sofrem uma maior desconfiança por parte dos pais e demais parentes dos alunos.

Mesmo atuando em uma profissão considerada feminina, a construção articulada sobre o masculino é de autoridade, poder e disciplina. Ao contrário disso, cria-se estereótipos sobre o feminino, pois, elas menstruam, tiram licença maternidade, precisam se ausentar para atender aos cuidados dos filhos, permanecendo nesse mesmo raciocínio também irão existir alguns estereótipos ligados à imagem masculina que optam por atuar como docente na Educação Infantil, e um deles dizem respeito às suspeitas de pedofilia, de homossexualidade, entre outras. Mas deve-se estar atento de que pedofilia e a homossexualidade são distintos, pois o primeiro se caracteriza por uma prática de abuso sexual entre um adulto para com um menor de idade (criança e adolescente), um crime passível de pena e que está escrito no código penal.

A ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Os dados foram obtidos através de entrevistas aplicadas a seis alunos do curso de Pedagogia que estavam cursando do segundo ao décimo período da graduação. A entrevista foi o norte para tentar compreender a escassez de alunos do gênero masculino presentes nessa graduação.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



Quadro 1. Identificação

Nome	Idade	Estado civil	Período	Principal Atividade
José	25	Solteiro	10º	Monitor do PETI
João	41	Casado	4º/5º	Professor (com graduação)
Pedro	25	Casado	6º	Supervisor de promoção
Lucas	21	Casado	4º	Vendedor (Comerciário)
Paulo	45	Casado	2º	Professor (com graduação)
Antônio	21	Solteiro	4º	Lavrador

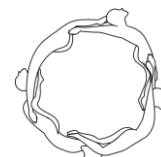
Levando-se em consideração os dados apresentados pelos sujeitos da entrevista, é preciso destacar que, quatro deles (66,4%) estavam na faixa etária dos vinte anos, sendo que 33,2% estavam na faixa etária dos quarenta anos de idade. Com relação ao seu estado civil, 66,4% eram casados e 33,2% eram solteiros dados que apontam uma consonância com a expectativa acerca do “masculino”, ou seja, de homens provedores econômicos se adequando às expectativas sociais de serem casados, formadores de família. Contudo, ao mesmo tempo, os alunos da amostra apresentam uma contraposição a este estereótipo “masculino” ao escolherem uma profissão social e historicamente construída para o público feminino, “o cuidado de crianças”. Já com relação às atividades exercidas por estes, José, João e o Paulo já exercem atividades relacionadas à docência; Pedro e o Lucas estão exercendo profissões ligadas a atividades do comércio e o Antônio trabalha em atividades rurais, estas últimas consideradas ocupações que exigem maior força física.

As origens familiares dos entrevistados (Quadro 2) apontam baixos níveis sociais. Assim como os avós (66,4% analfabetos, 16,6% com ensino fundamental incompleto e 16,6% não souberam informar), os pais também têm baixa escolaridade (33,2% possuem o ensino fundamental incompleto e 33,2% são analfabetos). Nenhum deles ingressou no ensino médio. Quanto às atividades profissionais dos avós e pais,



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

estas se vinculam ao mundo rural. 50% dos avós e 66,4% dos pais dos entrevistados são agricultores. Apenas 16,6% dos pais são docentes. Deste modo, ingressar no curso de Pedagogia parece um meio de ascensão social, pois se percebe que estes são de baixas origens sociais, com pais e avós analfabetos, com baixa escolaridade ou ainda que os mesmos estudaram em escola pública. Portanto, com pouca ou nenhuma perspectiva de inserção no quadro de cursos e profissões mais elitizadas.

Quadro 2. Origens Sociais

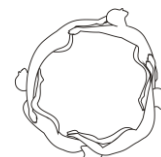
Nome	Escolaridade avós	Atividade avós	Escolaridade (pai/mãe)	Atividade pais (pai/mãe)
José	Analfabetos	Agricultores	2ª e 4ª E.F	Agricultores
João	-----	Agricultores	-----	Aposentado/professora
Pedro	Analfabetos	Agricultores	Analfabetos	Agricultores
Lucas	E.F incompleto	-----	E.F incompleto	-----
Paulo	Analfabetos	-----	-----	Agricultores
Antônio	Analfabetos	-----	Analfabetos	Agricultores

Sabe-se ainda que, o curso de Pedagogia na atualidade esta relacionado a alunos de classes sociais menos favorecidas, onde estes almejam a procura de melhores condições de sobrevivência e ascensão social, ou mesmo tem como relação os cuidados com alunos de menor idade. Esta graduação, ainda tem em sua maioria alunos do gênero feminino, porém é frequente a presença de alunos do gênero masculino nas salas de aulas dos cursos de Pedagogia nas universidades. O seu currículo destina-se a preparação de um profissional da educação que vise trabalhar com o desenvolvimento acadêmico, profissional e social de crianças, jovens e adultos. A pedagoga tem um vasto campo de atuação como: creches e pré-escolas, ensino fundamental, coordenação e orientação pedagógica, gestão educacional, trabalho em empresas de consultoria, pesquisador educacional, assessoria, entre tantas outras opções, que não se resume em apenas atuar em sala de aula e que muitos dos alunos frequentadores desta graduação



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

almejam um dia exercer seu potencial profissional.

Os sujeitos da entrevista acreditam que a maior, ou mesmo, a única influência na escolha por uma determinada profissão, ou qualquer outra escolha que determine suas opções, acontece por influência familiar. Nesse sentido, José, Paulo, Pedro, Antônio e o Lucas responderam não ter sofrido nenhuma influência, nem por alguém próximo e nem mesmo tendo docentes em sua família. Porém, eles alegaram o fator distância, ou seja, eles expuseram que devido a morarem em outras cidades ou mesmo em outros estados, não sofreram nenhuma influência de alguém próximo para com relação a sua escolha pela Pedagogia; apenas o João afirmou ter se espelhado em sua família (mãe). Segundo Bourdieu (2005), a família é apenas uma das instituições sociais que agem sobre as disposições. Porém, deve-se perceber que estes não conseguem compreender isso, mas que sofrem influência através de uma violência simbólica e quase imperceptível, a exemplo da mídia (escrita, falada, visual), da Igreja com seus dogmas, da Escola, assim como da cultura onde vive. Com isso, fica evidente que nossas determinações profissionais ou qualquer outra não acontece apenas por influência familiar ou alguém que convivemos, contrariando dessa forma a afirmação da maioria dos entrevistados.

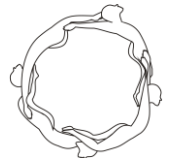
Segundo Bourdieu (2007), os nossos gostos e escolhas são determinados por uma imposição cultural no nosso inconsciente através de uma violência simbólica e arbitrária. Ao serem perguntados pela decisão de cursar a graduação em Pedagogia, o João confidenciou que a Pedagogia surgiu como opção profissional por causa da influência de sua mãe que atuava como docente nesta área. Pedro, entretanto, disse o seguinte: “eu escolhi a Pedagogia por falta de opção e por ser um curso noturno, pois, na verdade eu queria estudar Ciências Biológicas”. José afirmou que desde sua infância queria ser professor, mas acabou admitindo a necessidade de conciliar estudo e trabalho, porque das opções de cursos antes pensadas como formas de prosseguimento de seus estudos, uma era no turno diurno e a outra ainda não existia/e no Campus Universitário de Itabaiana, fato que poderia dificultar a realização de sua graduação.

Paulo afirmou que decidiu cursar a Pedagogia pelo seguinte motivo: “a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação), ao conhecer as leis que regem a educação brasileira, mais precisamente em 1998 e quando exerci o cargo de gestor nesse mesmo ano, onde atuei durante seis anos, foi nesse período que percebi que somente a Pedagogia é quem iria me dar esse suporte de articular-se com os alunos, com professores, com os coordenadores, com os entendimentos do Projeto Político



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Pedagógico, enfim, eu tenho o objetivo de realizar o mestrado em Psicopedagogia, e a Pedagogia servirá de base para que eu alcance esse objetivo”. Lucas, por sua vez, comentou o seguinte: “porque favorece o estopim no relacionamento entre adulto e criança, ou seja, facilita o relacionamento entre o adulto e a criança”. Antônio afirmou que sua escolha seria pela grande quantidade de vagas de trabalho. Com isso, constata-se uma multiplicidade de fatores na escolha da Pedagogia. Destaca-se, no entanto, a questão econômica, com destaque para o fato dos alunos serem de classes menos favorecidas e sentirem que a graduação pode ser uma forma de ascensão social e financeira, apesar dos reconhecidos baixos salários.

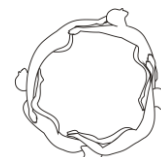
As formas de preconceito e rejeição nem sempre são demonstradas explicitamente, porém, estas rejeições podem surgir através de um gesto, um silêncio ou um olhar. Assim, nem sempre o pensamento se expressa de forma verbal, pois o silêncio ou mesmo uma pausa na respiração podem expressar o sentimento de recusa ou aceitação (ORLANDI, 2009). Nesta direção, observou-se que Paulo e José responderam não ter sofrido nenhum tipo de preconceito devido à sua escolha pela graduação e João comentou: “preconceito não, apenas incentivos por parte das minhas colegas”. Antônio, Pedro e Lucas disseram que não sofreram preconceito, apenas “brincadeiras” do tipo, “Se não fosse gay, ia se transformar”, ou ainda: “vai ensinar nossos filhos, vai ser professor dos nossos filhos”; agora com relação ao preconceito como: ah! É “bichinha”! “Pelo menos diretamente não posso afirmar que sofri algum tipo de preconceito”.

É preciso destacar que esse tipo de preconceito acontece pelo fato da Pedagogia ter se construído como um curso onde a maioria dos profissionais e discentes são do gênero feminino. Esta foi uma das primeiras portas de entrada para a mulher no mercado de trabalho. Além disso, preconceito não se expressa apenas através de agressões físicas, mas também e principalmente através de agressões verbais, que são as ditas “brincadeiras”. Ainda sobre essas afirmações relatadas pelos entrevistados, pode-se perceber que a modelação da sexualidade dos indivíduos que compõem a sociedade inicia-se na família, para posteriormente acirrar-se no âmbito escolar, onde o gênero é moldado através de circunstâncias sociais como, por exemplo, nas brincadeiras consideradas femininas e outras consideradas masculinas. Meninas são mais dóceis, em contrapartida, meninos são rotulados como mais agressivos. Há ainda o comportamento de incentivar meninos a escolherem profissões ligadas ao comando e meninas ligadas às licenciaturas ou mesmo às áreas humanas (MISKOLCI, 2005).



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Há algumas ocupações na área da educação que não estão diretamente ligadas à sala de aula em si, a exemplo, do orientador pedagógico, do coordenador, gestor, entre outras. Através dessas ocupações, é possível verificar que José afirmou que dependerá da situação para definir sua área de atuação. Nesse sentido, verifica-se que ele não se sente seguro acerca de sua real escolha em atuar em sala de aula ou em outra ocupação. Isso, supostamente pode acontecer pelo fato da Pedagogia ter se constituído como uma profissão feminina, ligada aos cuidados, transformando a mesma como sendo de baixo status e com baixa remuneração. Já João e Lucas afirmaram que se surgir a oportunidade de exercer algum cargo relacionado à área administrativa não hesitará em exercê-lo, entretanto, Paulo demonstrou uma contradição afirmando que “nasceu para ser professor”. É preciso entender que ninguém nasce para ser professor ou qualquer outra profissão, pois, isso vai se constituindo aos poucos através de nossos hábitos culturais. Pedro e Antônio dizem, que terão certeza com relação a uma provável atuação de sucesso se trabalhasse na área administrativa, quando questionados com relação à docência, eles disseram que não têm certeza.

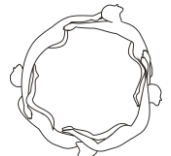
A Pedagogia é uma licenciatura que envolve todas as áreas de ensino, além dos cuidados com crianças, a mesma ainda tem como predominância a imagem feminina tanto nas salas de aula ao exercer sua prática ou ainda nas salas dos cursos das universidades. O movimento de reformulação nessa graduação vem crescendo cada vez mais, entretanto há muito a ser feito, pois ainda são raras exceções os alunos do sexo masculino frequentando essa graduação. Dos alunos entrevistados, o Pedro e o Antônio, afirmaram não ter vivido nenhuma experiência em sala de aula. Isso decorre, pelo fato de se encontrarem nos primeiros períodos da graduação.

Paulo e João atuam como docentes em outras licenciaturas sendo que o Paulo leciona Geografia, além de desenvolver atividades para um grupo de pesquisa dessa graduação, o João dá aula de Ciências Naturais e Biologia. Outras licenciaturas foram se constituindo como uma área de maior aceitação para a masculinidade como as exercidas pelos entrevistados se comparada a Pedagogia, entendida como uma extensão do lar, além disso, a mesma foi um dos primeiros meios para a entrada das mulheres no mercado de trabalho, principalmente durante os séculos XIX e XX, mas que atualmente isso ainda está bastante presente e com grande frequência nas instituições de ensino, seja na rede pública ou na rede privada. Porém, o curso de Pedagogia vem sofrendo uma ligeira mudança com relação ao gênero dos seus alunos, pois está cada vez mais



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

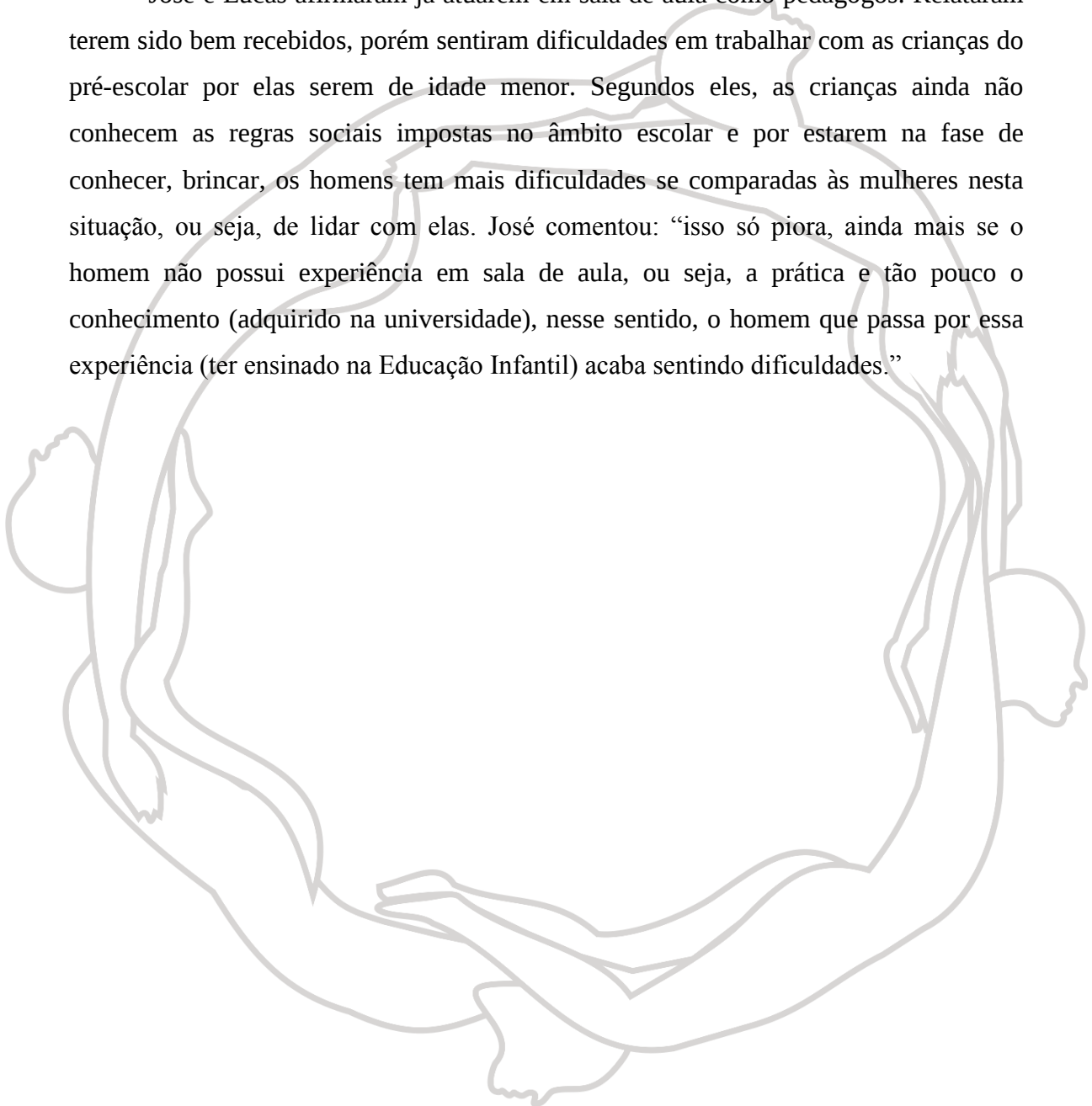
15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

frequente a presença masculina nas salas de aula dos cursos de Pedagogia nas universidades. Os sujeitos da entrevista, ainda tentam se aproximar da docência, afirmando já exercê-la, ou ainda ao responder que participa de um grupo de pesquisa desenvolvendo atividades em sala de aula com crianças.

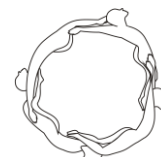
José e Lucas afirmaram já atuarem em sala de aula como pedagogos. Relataram terem sido bem recebidos, porém sentiram dificuldades em trabalhar com as crianças do pré-escolar por elas serem de idade menor. Segundos eles, as crianças ainda não conhecem as regras sociais impostas no âmbito escolar e por estarem na fase de conhecer, brincar, os homens tem mais dificuldades se comparadas às mulheres nesta situação, ou seja, de lidar com elas. José comentou: “isso só piora, ainda mais se o homem não possui experiência em sala de aula, ou seja, a prática e tão pouco o conhecimento (adquirido na universidade), nesse sentido, o homem que passa por essa experiência (ter ensinado na Educação Infantil) acaba sentindo dificuldades.”





SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

No que se refere a esta afirmação, verifica-se o quanto o aparato de uma cultura considerada androcêntrica se impõe no inconsciente humano, a ponto dos homens pensarem que a tarefa dos cuidados pessoais para com os alunos de menor idade, assim como ensiná-los ser mais bem exercida pelas mulheres, sentindo-se até mesmo incapazes de realizar essa atividade, afirmando de certa forma que isso seja “normal ou natural”, todavia deve-se entender que isso seja fruto de uma imposição causada pelas exigências sociais que foi perpassando por anos compondo as diferenças de gêneros.

Um bom pedagogo deve ter como características a dedicação, a ternura, a paciência, amor pela profissão e por lidar com crianças. Sendo assim, João, Antônio, Paulo e o Lucas responderam com argumentos semelhantes: “tem que gostar da profissão, de ser professor, ser dedicado, ter paciência.” Pedro e José, comentaram: “tem que ter a mente aberta para as inovações, sempre está pesquisando e se aprofundando”. Nos aspectos considerados pelos entrevistados, eles suscitam mais uma vez a construção social acerca do gênero masculino, na afirmação sempre está estudando, pesquisando e se aprofundando para ser um bom profissional, pelo fato da masculinidade ter se constituído sob aspectos relacionados à inovação, a coragem e a ousadia. Mas, eles também mencionam características como a paciência, dedicação e amor, que foram construídas para a feminilidade e que foram sendo ligadas as atribuições para exercer a profissão de professor nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

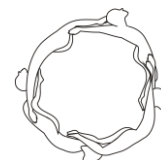
Esta pesquisa surgiu diante da necessidade de averiguar e compreender as motivações e disposições dos alunos ao optarem por estudar e permanecer profissionalmente no ofício de pedagogo. Considerado um curso eminentemente feminino, uma extensão do trabalho doméstico e dos cuidados para com os outros, esta se caracteriza como uma profissão desvalorizada e de baixo status, atraindo dessa forma muito poucos homens a ingressarem na carreira.

Modelados ao longo do tempo, o lugar construído socialmente para a divisão de gênero, traz consigo a associação de comando para os homens e de submissão para as mulheres, que pode ser observado através da literatura, das mídias, da religião e dos seus papéis na família que age como uma das primeiras influências para a formação da subjetividade dos indivíduos, para com suas escolhas e gostos, assim como em todos os espaços sociais. Porém, com o movimento



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

feminista ocorrido principalmente entre os séculos XIX e meados do século XX, surgiram às primeiras mudanças para o papel social dos gêneros, em que as mulheres lutaram pelos seus direitos a votar, ao direito sobre o seu corpo, ocupação remunerada equiparada à masculina entre tantas outras que foram conseguidas e que ainda precisam ser alcançadas.

Tendo em vista, os aspectos apresentados durante o desenvolvimento do trabalho, pode-se perceber que a participação masculina no curso de Pedagogia em Itabaiana é bastante escassa e, dos poucos que optam por essa graduação, a maioria tem em mente exercer seu potencial profissional em ocupações que não incluam a atuação em sala de aula com crianças. Vislumbram sua inserção no mercado de trabalho através da orientação pedagógica, nos cargos de direção e coordenação, ou até mesmo em utilizar a Pedagogia como porta de entrada para um mestrado.

Além disso, pode-se mencionar o fator econômico, como decisivo para a escolha da profissão dos alunos do sexo masculino que decidem por cursar a Pedagogia, pois em sua maioria eles confidenciaram serem filhos de pais analfabetos, agricultores, portanto eles apresentam pouca perspectiva em freqüentarem graduações elitizadas.

3

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro :Bertrand Brasil, 2005.

BORDIEU, Pierre. Violência simbólica e lutas políticas. In: _____. **Meditações pascalianas/Pierre Bourdieu**; tradução Sergio Miceli. -2ª ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.324 pequena quantidade de alunos do gênero masculino.

MISKOLCI, Richard. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOVICZ,Valter (org.). **Afirmando as diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola**.Campinas,São Paulo: Papirus, 2005.

OLIVEIRA, Pedro de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

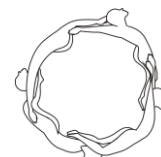
ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

³ Insira aqui a titulação e instituição do/a co-autor/a ou orientador/a. Se desejar, inclua e-mail para contato.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

